

## A MORTE DE CARLOTA GENTINA: NOVOS CAMINHOS PARA SE PENSAR O FEMININO

Michelle Aranda Facchin<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo expõe considerações a respeito da literatura como ferramenta de reflexão e resistência ao machismo. Apresentamos uma análise do conto “Carlota Gentina não chegou de voar?”, de Mia Couto. O texto do escritor moçambicano impinge a ideia de que é preciso mudar a realidade patriarcal injusta e paradoxal, além de extrema e absurda. A morte injusta e silenciosa de Carlota Gentina toma corpo e voz por meio da narrativa para resistir contra a ideologia patriarcal das duas formas apresentadas por Bosi (2002), pela forma e pelo tema, abordando a violência doméstica, a morte e as tensões que envolvem as relações entre homens e mulheres pautadas na ideologia patriarcal.

**Palavras-chave:** Representação. Mia Couto. Feminino

### CARLOTA’S DEATH: NEW WAYS TO THINK ABOUT THE FEMININE

**ABSTRACT:** This essay demonstrates that literature is a tool of resistance against the *machismo*. It is analyzed the text “Carlota Gentina não chegou de voar?”, a short story written by Mia Couto. The conclusion of this work shows that it is necessary to change the unfair patriarchal reality, based on the extreme situations represented in the literary text. The silent and the unrighteous death of Carlota is the main part of Mia Couto’s story that raises issues against the patriarchal ideology, considering the structure and the theme, based on the way explored by Bosi (2002) in his book about literature and resistance.

**Keywords:** Representation. Mia Couto. Feminine

### O feminino: questões introdutórias

A questão da mulher, do seu papel e lugar na sociedade continua a ser assunto de grandes debates atualmente, em que há um avanço nas teorias feministas, nas políticas de inserção da mulher no mercado de trabalho, assim como nas reformas constitucionais que concedem direitos igualitários entre os gêneros, dentre outros aspectos que lutam contra as desigualdades, o machismo e a reificação do feminino praticadas em várias realidades que conhecemos. A mulher africana não se aloca em um quadro diferente do exposto, uma vez que as sociedades africanas receberam influências ideológicas do imperialismo e são

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Departamento de Letras da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho. Realiza pesquisa sobre Mia Couto.

fundamentalmente patriarcais, sendo que muito pouco dos grupos africanos matriarcais se manteve após o processo de colonização. Houve a difusão do discurso luso-tropicalista para justificar o processo de dominação e anulação das colônias, na tentativa de conter o projeto de descolonização, dentre eles podemos mencionar a revisão constitucional empreendida por Salazar, que passou a chamar as colônias de “províncias ultramarinas”, assim como o processo de branqueamento dos povos autóctones por meio da exploração da figura do mulato. Como Ruy Duarte de Carvalho (2011) elabora em suas reflexões, o Outro<sup>2</sup> já está fadado ao rebaixamento, uma vez que carrega na cor da sua pele e em outros traços fenotípicos a diferença existente entre o centro imperialista e as margens colonizadas. A imagem da mulher nos tempos coloniais segue essa lógica de dominação imperialista, muitas vezes mascarada pela ideologia do lusotropicalismo e do exotismo, que coloca a negra e a mulata como a mulher sensual, sexual, predominantemente corpórea em oposição à europeia casta, branca, mental etc. Enquanto a mulher europeia é representada como dependente do marido, a negra e a mulata ocupam uma posição em escala inferior à daquela, pois não têm acesso ao beletismo e às regalias financeiras da mulher branca, dentre outras questões. Pensando na época pós-colonial, essas desigualdades raciais ainda permanecem, muitas vezes, diluídas por falsos discursos em apologia do negro e de sua inserção na sociedade do pós-independência.

Não é difícil concluir que, subjacente ao lusotropicalismo – do mesmo modo que a outras teorizações do colonialismo português que o antecederam, tendo todas o racismo como espinha dorsal – está sempre uma atitude de objetivação ou “coisificação” da mulher, colocando ostensivamente a sexualidade a serviço dos desígnios da imagem permanente do colonizador que se mantém no imaginário masculino até os dias atuais.

Por isso, a literatura de Mia Couto é importante ao promover a urgência de algumas mudanças na relação daqueles que estão às margens, incluindo a mulher africana, e diríamos que a categoria feminina em geral em sua relação com o masculino.

O conto que nos propomos a analisar aqui não se limita a apresentar uma mulher inferior por questões da raça, mas expressa-a como objeto de dominação e submissão dentro da própria família, incluindo principalmente a imagem do marido inseguro capaz de matar a esposa para manter-se no centro do poder familiar. O texto de Mia Couto que aqui apresentamos é um

---

<sup>2</sup> Ruy Duarte de Carvalho compreende uma variedade de Outros, dentre os quais ele apresenta 3 categorias básicas: 1. Os indivíduos nascidos ou gerados nos territórios das metrópoles, filhos de ex-colonizados ou advindos de ex-colônias; 2. o ex-colonizado que se ocidentalizou, assumindo a gestão do “seu território”; 3. o sujeito que faz parte de estados-nação, pós-coloniais, embora contenham traços ex-coloniais. De modo geral, esse tipo de OUTRO mantém práticas e comportamentos mais característicos de contextos pré-coloniais, ainda que seja “pressionado” constantemente a incorporar a ideologia ocidental. (CARVALHO, 2011)

espaço frutífero de contracultura e resistência, haja vista a urgência de mudança que insurge de sua atmosfera violenta.

Quando dizemos violenta, não pretendemos semantizar a mulher guerrilheira, que participa da luta armada pela libertação de Moçambique, mas a mulher caseira, submissa e vítima de maus-tratos que a conduzem à morte. Acreditamos que a resistência ideológica insurge do tratamento estético, literário, envolvendo situações-limite e absurdas na relação entre o casal do conto analisado. O processo de representação demonstra os traços identitários e ideológicos de uma mulher que morre ao ser atacada pelo marido com um balde de água fervendo, por levantar suspeitas que possam, de alguma forma, destacá-la em questão de inteligência e poder frente ao homem com quem vive. De acordo com Bosi, os valores e antivalores expressos na literatura são captados pelos poetas e exprimem-se por meio de imagens, figuras, gestos, “formas portadoras de sentimentos que experimentamos em nós ou pressentimos no outro” (BOSI, 2002, p. 120).

### **A figuração da mulher nos contos de Mia Couto**

Os papéis sociais historicamente construídos estão, em sua maioria, de acordo com a tradicional superioridade dos homens em relação às mulheres até então, instituindo, desse modo, um olhar que acaba por reforçar esse binarismo na literatura, porque ela é uma manifestação cultural e ideológica das estruturas de funcionamento da sociedade, como afirma Antonio Candido em sua obra *Literatura e sociedade* (1975) e em seus ensaios e artigos. A literatura, portanto, sendo parte de um arquivo cultural, acaba perpetuando esses posicionamentos patriarcais e machistas de certa forma e, por isso, as mulheres são frequentemente representadas literariamente de acordo com uma visão estereotipada: esposas, mães, submissas donas de casa, sujeitos sem participação ativa nas decisões, devendo sempre obediência ao marido, pai, avô ou tio.

O conto “Carlota Gentina não chegou de voar?” apresenta novos ângulos a serem considerados para pensar a mulher na sociedade patriarcal e aborda uma questão comum aos estudos psicanalíticos, o conceito de arquétipo<sup>3</sup>. De acordo com Carl Jung, o arquétipo é:

uma tendência a formar essas mesmas [representações variadas e não definidas e fixas, como muitos interpretam erroneamente] representações de

---

<sup>3</sup> “Qualquer nova valorização de uma imagem arque-típica coroa e consome as antigas.” (ELIADE, 1979, p. 159). Para Eliade, a libertação dos condicionalismos de tempo e lugar ancoram-se na universalidade dos arquétipos. (ELIADE, 1979, p. 118)

um motivo – representações que podem ter inúmeras variações de detalhes – sem perder a sua configuração original. [...] O arquétipo é, na realidade, uma tendência instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho e o das formigas para se organizarem em colônias. (JUNG, 2008, p. 83)

No conto de Mia Couto, identificamos uma exploração da figura feminina arquetípica, a *anima*: “personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem” (JUNG, 2008, p. 234), considerando-se os seus dois aspectos: o benévolo e o malévolos, sendo este o que mais parece perturbar a personagem masculina a ponto de cometer o assassinato da própria esposa.

Jung menciona que a *anima* manifesta-se muitas vezes nas figuras da sereia, da sacerdotisa e da feiticeira, sendo esta última bastante explorada no conto que analisamos. Esse lado negativo da *anima* é temido pelo marido, que suspeita que sua esposa é uma *nóii* (feiticeira), o que o leva a “destruí-la”.

O conto “Afinal, Carlota Gentina não chegou de voar?” é dividido em quatro seções e relata o assassinato de Carlota pelas mãos de seu marido e as cartas por ele escritas para o advogado encarregado de defendê-lo.

A primeira seção, intitulada “Senhor doutor, lhe começo”, inicia o relato que o marido assassino faz. Essa primeira carta expressa a confusão do homem que matou a esposa, assim como a multiplicidade de “eus” que falam na mente do viúvo:

Eu somos tristes. Não me engano, digo bem. Ou talvez: nós sou triste? Porque dentro de mim, não sou sozinho. Sou muitos. E esses todos disputam minha única vida. Vamos tendo nossas mortes [...]  
A minha mulher matei, dizem. Na vida real, matei uma que não existia. Era um pássaro. Soltei-lhe quando vi que ela não tinha voz, morria sem queixar. Que bicho saiu dela, mudo, através do intervalo do corpo? (COUTO, 2013, p. 75)

Notamos as concordâncias verbais experimentadas para reiterar a confusão que habita o interior do assassino. Essas construções enriquecem a forma como a personagem se mostra ao leitor, dando pistas do que poderíamos chamar de uma espécie de loucura desse narrador: “Deixo os pensamentos, vou direto na história. Começo no meu cunhado Bartolomeu. Aquela noite que ele me veio procurar, foi onde iniciaram desgraças.” (COUTO, 2013, p. 76)

O trecho acima encerra a primeira seção do conto, abrindo para a segunda parte do texto, que descreve a morte de Carlota Gentina. O narrador matou a esposa, na tentativa de atestar se ela era uma feiticeira, uma *nóii*, conforme descrito na carta. Segundo Pedroso, “as

mulheres mais inteligentes, que se destacavam de alguma maneira, ameaçando a supremacia masculina vigente imposta [...], eram consideradas bruxas e acabavam queimadas vivas.” (PEDROSO, 2015, p. 62). Esse fato está representado no conto analisado, sendo Carlota Gentina uma ameaça contra a supremacia masculina, que vemos manter-se com base no que Nietzsche (2009, p. 24) chama de ressentimento, um sentimento de que a justiça deve ser feita e de que há sempre devedores e credores em qualquer tipo de relação, o que pode ser aplicado aqui para compreendermos a mulher-feiticeira como sendo a devedora, a quem é dada a obrigação de um comportamento confiável e esperado para nutrir o orgulho masculino do marido, sendo este, de acordo com a visão machista, dono da esposa, com o direito de puni-la quando achar necessário.

A desconfiança do marido se iniciou devido a um relato que o cunhado Bartolomeu lhe fez sobre um episódio doméstico em que queimou a esposa por acidente com a brasa da lenha que soprava por acaso:

O grito que ela deu, nunca ninguém ouviu. Não era som de gente, era grito de animal. Voz de hiena, com certeza. Bartolomeu saltou no susto: estou casado com quem, afinal? Uma nóii? Essas mulheres que à noite se transformam em animais e circulam no serviço da feitiçaria? (COUTO, 2013, p. 77)

O diálogo entre o protagonista e o cunhado Bartolomeu reforça o imaginário dos encantos e poderes femininos que se dão como uma ameaça à supremacia masculina: “Depois de Bartolomeu sair, a ideia me prendia os pensamentos. E se eu, sem saber, vivia com uma mulher-animal?” (COUTO, 2013, p. 78). O relato subjetivo de Bartolomeu rotula a sua esposa como um bicho por ela ter saído a rastejar de dor, gritando como uma “hiena” e fugindo de casa. A fuga da mulher é inadmissível para Bartolomeu e por isso a fabulação por ele inventada ao cunhado impede que sua masculinidade seja destronada, uma vez que acusar a mulher de feitiçaria é muito menos nocivo ao seu espírito de macho do que assumir que ela o abandonou. No entanto, essa fabulação é tida como verdade pelo protagonista, que se compadece pelo relato do cunhado, o que o faz jogar água quente sobre a própria esposa para atestar se ela se transformaria em um bicho, ou seja, em uma *nóii*:

Se essa mulher, fidaputa, me enganou, fui eu que animei. Só havia uma maneira de provar se Carlota Gentina, minha mulher, era ou não uma nóii. Era surpreender-lhe com um sofrimento, uma dor funda. Olhei em volta e vi a panela com água a ferver. Levantei e reguei o corpo dela com fervuras. Esperei o grito mas não veio. Não veio, mesmo. Ficou assim, muda, chorando sem soltar barulho. Era um silêncio enroscado, ali na esteira. [...] Enquanto media a morte de Carlota eu me duvidava: que doença era

aquela sem inchaço nem gemidos? [...] Conclusão que tirei dos pensamentos: Carlota Gentina era um pássaro, desses que perdem voz nos contraventos. (COUTO, 2013, pp. 78-79)

*Femme fatale* é a designação francesa para o aspecto negativo da *anima*, conceito junguiano já aqui apresentado. Basicamente, a fêmea fatal é aquela mulher que seduz e engana o homem, levando-o à morte. Esse arquétipo está ligado a algumas figuras, dentre elas a feiticeira, que é o caso deste conto. De acordo com Carl Jung, “A anima [...] é muitas vezes personificada por uma feiticeira ou por uma sacerdotisa – mulheres ligadas às forças das trevas e ao mundo dos espíritos.” (JUNG, 2008, p. 235). Este conto liga a imagem da mulher feiticeira à crença animista africana, servindo de base para a atitude violenta do protagonista contra a própria esposa. Percebemos que a conclusão do protagonista se justifica pela crença em algo sobrenatural ligado ao corpo feminino da esposa, que ele acredita ser uma *nóii*.

Na terceira seção do conto, intitulada “Sonhos da alma acordaram-me do corpo”, o tempo narrativo volta para o presente, em que o marido está em uma cela escrevendo fatos para que sirvam de defesa ao seu caso. Nesta terceira parte, a crença animista insurge no relato do protagonista de forma mais veemente, reiterando que a absolvição do crime relaciona-se com a identidade de Carlota Gentina, identidade esta posta em xeque pelo marido como forma de justificar o ato criminoso:

O senhor me pediu para confessar verdades. Está certo, matei-lhe. Foi crime? Talvez, se dizem. Mas eu adoço nessa suspeita [...]. A morte não afasta-me essa Carlota. Agora, já sei: os mortos nascem todos no mesmo dia. Só os vivos têm datas separadas. Carlota voou? Daquela vez que lhe entornei água foi na mulher ou no pássaro? Quem pode saber? O senhor pode? [...]  
Os que choravam no enterro estavam cegos. Eu ria. É verdade, ria. Porque dentro do caixão que choravam não havia nada. Ela fugira, salva nas asas. [...] Muito-muito era um silêncio na forma de bicho. (COUTO, 2013, p. 81)

A quarta seção, “Vou aprender a ser árvore” é a última carta do protagonista, que apresenta algumas outras informações, assumindo o crime e revelando os verdadeiros motivos por trás das relações dele e do cunhado Bartolomeu com as suas respectivas esposas:

Já não preciso defesa, doutor. Não quero. Afinal de contas, sou culpado.[...] Nesta carta última o senhor me vê assim, desistido. Porquê estou assim? Porque o Bartolomeu me visitou hoje e me contou tudo como se passou. No enfim, compreendi o meu engano. Bartolomeu me concluiu: afinal a sua mulher minha cunhada, não era uma nóii. Isso ele confirmou umas tantas noites. [...]  
Então, pensei. Se a irmã da minha mulher não era nóii, a minha mulher também não era. (COUTO, 2013, pp. 82-84)

O protagonista divaga sobre a sua condição, alega as diferenças entre o mundo do advogado, racionalista, e o mundo africano, animista. Afirma que em seu mundo ele seria julgado de forma correta, de acordo com as crenças de seu povo, pensamento este apresentado nas palavras que se seguem:

Sou filho do meu mundo. Quero ser julgado por outras leis, devidas da minha tradição. O meu erro não foi matar Carlota. Foi entregar a minha vida a este seu mundo que não encosta com o meu. Lá, no meu lugar, me conhecem. Lá podem decidir das minhas bondades. Aqui, ninguém. [...] Desculpa, senhor doutor: justiça só pode ser feita onde eu pertencço. Só eles sabem que, afinal, eu não conhecia que Carlota Gentina não tinha asas para voar. (COUTO, 2013, p. 84)

O traço animista configura uma espécie de poder à mulher, ligando-a à feitiçaria. É o caso também de um romance de Mia Couto, *Mulheres de cinzas* (2015), em que Chikazi consegue livrar-se de um estupro ao fingir, por meio de um truque, ser uma feiticeira, figura bastante temida e comumente ligada à mulher na África.

Neste conto, essa crença animista africana junta-se ao imaginário machista que pune a esposa por compreendê-la dotada de poderes maiores do que os do marido. O texto questiona o machismo, demonstrando a submissão da mulher ao masculino inseguro, que tenta justificar sua violência contra a esposa com base na concepção religiosa africana animista, quando, na verdade, acaba reiterando a força do machismo, que em nada se relaciona com o animismo africano. Ou seja, o narrador empreende uma inversão ideológica, dissimulada e mascarada, da crença animista, defendendo a ideia da feitiçaria como algo a ser punido, sendo que, de acordo com a crença animista, a magia é algo presente em tudo e, nas sociedades matriarcais, está ligada predominantemente à figura da mulher, sendo, portanto, aceita, valorizada e respeitada. O narrador tenta, portanto, justificar a sua ação violenta, fruto de um pensamento tradicionalmente machista, escondendo-a como se fosse parte de uma particularidade cultural africana. O conto empreende uma forma de resistência ao poder patriarcal por revelar as artimanhas e o mascaramento ideológico travado pelo narrador machista para justificar o crime contra a esposa. A resistência está na temática da violência contra a mulher e na estrutura do conto, que trabalha com o foco narrativo centrado na figura masculina agressora, revelando a sua insanidade e desequilíbrio, enraizados na ideologia machista. Além disso, o fato de o protagonista contar os fatos por meio de cartas sugere um tom intimista e suscita um desvelamento ainda maior da intimidade, das inseguranças e dos equívocos do homem machista

e dominador, o que reitera as principais causas da desigualdade entre homens e mulheres, desvelando o trabalho contraideológico empreendido no conto.

### **Considerações finais**

Por meio da análise exposta, concluímos que o conto em questão instaura novas relações e formas de representação da mulher, revelando as contradições, injustiças e desigualdades contra Carlota Gentina, que representa as mulheres expostas aos extremos em consequência do patriarcalismo e do machismo. O texto literário, neste caso, atua como prática discursiva que ultrapassa os binarismos, apresentando uma complexidade na representação feminina. Segundo Eagleton (1978), a literatura mune-se de recursos capazes de nos revelar ideias, valores e sentimentos, muitas vezes transcendendo os limites ideológicos de determinada época, “proporcionando-nos a percepção das realidades que a ideologia esconde” (EAGLETON, 1978, p. 31)

O texto de Mia Couto impinge a ideia de que é preciso mudar a realidade histórica patriarcal e que as relações atuais são extremamente desiguais. A morte injusta e silenciosa de Carlota Gentina toma corpo e voz por meio da narrativa, demonstrando o absurdo a que o machismo pode chegar. O escritor moçambicano empreende a resistência contra a ideologia patriarcal das duas formas apresentadas por Bosi (2002), pela forma e pelo tema, abordando a violência doméstica, a morte e as tensões que envolvem as relações entre homens e mulheres pautadas na ideologia patriarcal, de modo que essas temáticas dialoguem com a forma narrativa, calcada na simulação do narrador, o autor do crime, que tenta justificar seu crime contra a esposa por meio do foco narrativo em primeira pessoa e pelos argumentos selecionados para que o leitor enxergue os fatos pelo crivo que favoreça o homem.

No entanto, mesmo com as simulações travadas pelo narrador autodiegético, a resistência do texto se ergue contra o machismo, demonstrando as inseguranças e as verdadeiras razões que fizeram o marido cometer o assassinato da esposa, vítima do orgulho ferido daquele que se acostumou a assumir papel superior no contexto machista e que prefere matar a esposa a vê-la em posição de igualdade. O homem machista representado neste conto é incapaz de lidar com o poder feminino e busca na violência a única forma de permanecer em posição favorável, na qual predomina o masculino sobre o feminino explorado, castrado e anulado.



## REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Ed. Nacional, 1975.

CARVALHO, Ruy Duarte de. Tempo de ouvir o ‘outro’ enquanto o “outro” existe, antes que haja só o *outro*... ou pré-manifesto neo-animista. In: \_\_\_\_\_. *O que não ficou por dizer*. Luanda/Lisboa: Chá de Caxinde, 2011.

COUTO, Mia. *Mulheres de cinzas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

\_\_\_\_\_. Carlota Gentina não chegou de voar? In: COUTO, Mia. *Cada homem é uma raça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

EAGLETON, Terry. *Marxismo e crítica literária*. Trad. António Sousa Ribeiro. Porto: Afrontamento, 1978.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. Lisboa: Arcádia, 1979.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PEDROSO, Elene Wicher. A representação do sujeito feminino em María Concepción, de Katherine Anne Porter. In: NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva; CHATAGNIER, Juliane. (Org.). *Literatura e gênero*. São Paulo: Cultura Acadêmica; São José do Rio Preto, SP: HN, 2015.

---

Recebido em: 12/03/2018

Aceito em: 31/08/2018